

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TATIANA RUBIM KLEIN

**FORMAÇÃO DOCENTE NA PEDAGOGIA DA MANDALA: CONTRIBUIÇÕES DO
BUDISMO PARA A EDUCAÇÃO**

PORTO ALEGRE

1. Semestre

2016

TATIANA RUBIM KLEIN

**FORMAÇÃO DOCENTE NA PEDAGOGIA DA MANDALA: CONTRIBUIÇÕES DO
BUDISMO PARA A EDUCAÇÃO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO CURSO
APRESENTADO A COMISSÃO DE
GRADUAÇÃO DO CURSO DE
PEDAGOGIA – LICENCIATURA DA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL, COMO REQUISITO
PARCIAL E OBRIGATÓRIO PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO LICENCIATURA
EM PEDAGOGIA.

ORIENTADORA: PROF^a DR^a LUCIANA
FERNANDES MARQUES.

PORTO ALEGRE

1. Semestre

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido Lama Padma Samten pelo seu incansável trabalho em benefício de todos os seres.

À escola Caminho do Meio e a todos os seus educadores: crianças, pais, professores e comunidade, que são meus companheiros de caminhada.

À minha orientadora Luciana Marques por ter aceitado trilhar comigo o caminho de escrita deste trabalho e pelas suas preciosas contribuições e palavras de incentivo.

A todos os meus professores, que me ensinaram muito além dos conteúdos acadêmicos.

Ao Guilherme Erhardt, pela ajuda e apoio em todos os momentos.

E a todos aqueles que fazem parte direta ou indiretamente da minha formação, gratidão imensa!

“A Caminhada – não se descobriu nada melhor para andar devagar. O resto é supérfluo. Querem andar mais depressa? Nesse caso não caminhem, façam outra coisa: rodem, deslizem, voem. Não caminhem. E depois, quando se anda a pé, só há um empenho que conta: a intensidade do céu, o viço das paisagens. Caminhar não é esporte. Mas uma vez em pé, o homem não consegue ficar parado.”

(Frédéric Gros)

RESUMO

Este trabalho, de caráter autobiográfico, reflete sobre a formação docente a partir da experiência realizada na Escola Caminho do Meio (Viamão, RS). Partindo da visão de que a formação docente só ocorre na prática e na reflexão sobre a prática, busca analisar como as aprendizagens realizadas durante a experiência, uma proposta de educação que inclui a espiritualidade de alunos e professores, contribuíram para o desenvolvimento dos saberes que se refletem na ação docente. A partir desta reflexão procura contribuir com algum esclarecimento sobre a questão da importância do contexto e do local de atuação na formação constante ao longo da trajetória profissional docente.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Espiritualidade. Budismo e Educação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. PRIMEIROS PASSOS: CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA	8
1.1 A proposta da escola Caminho do Meio	8
1.2 Uma educação que, prioritariamente, integra a espiritualidade	12
1.3 Contexto e percurso da pesquisa	17
2. FAZ-SE O CAMINHO AO ANDAR: MEU PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO NO ENCONTRO COM A PEDAGOGIA DA MANDALA.....	20
2.1 Minha inserção na escola Caminho do Meio	20
2.2 Encontro com a Pedagogia da Mandala e a prática docente a partir das cinco sabedorias.....	25
2.2.1 A Pedagogia da Mandala.....	25
2.2.2 A prática docente a partir das cinco sabedorias.....	27
2.3 Postura interna e conduta do educador.....	31
3. “NÃO TENHO UM CAMINHO NOVO, O QUE TENHO DE NOVO É UM JEITO DE CAMINHAR”	34
3.1 Ação docente e a capacidade de agir em qualquer contexto	34
3.2 Experiência do estágio curricular do curso de Pedagogia – diálogo com outras práticas.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa relatar a minha experiência e formação como professora da Educação Infantil, nos últimos cinco anos em que trabalho na escola Caminho do Meio (Viamão – RS). Ele tem, portanto, um caráter autobiográfico, retoma lembranças do processo vivenciado neste período, e reflete sobre a proposta da escola, apresentando-a em diálogo com a minha experiência e desenvolvimento vivenciado na prática docente realizada na escola.

Busco analisar como as aprendizagens realizadas durante a minha prática na escola citada, contribuíram para a minha formação docente e como se constituíram os saberes que se refletem na minha ação docente atual, inspirados numa proposta de educação que inclui a espiritualidade de alunos e professores bem como o auto desenvolvimento do educador. Com esta reflexão, procuro contribuir com algum esclarecimento sobre a questão da espiritualidade e do cultivo de si na formação docente. Igualmente está implícita a visão de que a formação docente só ocorre na prática e na reflexão sobre a prática e nunca apenas em teoria nos bancos acadêmicos (NÓVOA, 1991).

A escrita autobiográfica, através do exercício da escrita de um memorial, foi o método escolhido para abarcar a minha vontade de compreender e de explorar o tema da formação docente a partir da minha própria experiência de trabalho. Entretanto, não é uma escrita autobiográfica de toda a minha história de vida, mas sim desde o início da minha prática como professora. Para isso, precisei pesquisar e compreender as concepções metodológicas que envolvem os processos de escrita de memoriais formativos, voltados à formação inicial de professores. Segundo Passeggi (2010, p. 21), o memorial autobiográfico "é uma escrita institucional na qual a pessoa que escreve faz uma reflexão crítica sobre os fatos que marcaram sua formação intelectual e/ou sua trajetória profissional, com o objetivo de situar-se no momento atual de sua carreira e projetar-se em devir".

É considerada uma escrita institucional na medida em que está inscrita num contexto de formação acadêmica e engloba as reflexões sobre o processo formativo. O "interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas e situar suas

pretensões atuais e futuras no processo de inserção acadêmica e profissional” (id., ib., p.21), cabendo então ser utilizado como disparador para a elaboração do conhecimento nesta etapa de conclusão do curso.

A escrita para a realização do trabalho de conclusão do curso dirigiu-se então, para a retomada da minha própria caminhada pessoal e profissional, através da escrita de um pequeno memorial, a partir do qual retomo minha trajetória de trabalho na Escola Caminho do Meio, pensando estes elementos como transformadores e constituintes do meu fazer docente.

Estando esta prática inscrita no contexto de uma proposta de educação e de formação permanente referenciada no Budismo (em especial o Budismo Tibetano praticado no Centro de Estudos Budistas Bodisatva, onde encontra-se a escola), este trabalho visa também expressar essas reflexões de modo a lançar luzes para outros professores da importância do contexto e do local de atuação na formação constante ao longo da trajetória profissional.

Para tanto, na primeira parte do trabalho *Primeiros Passos: Contextualizando a experiência*, apresento a escola Caminho do Meio, instituição onde eu trabalho, desde 2011, como professora do jardim. Em seguida, apresento a questão da espiritualidade na educação, a partir da visão proposta por Lama Padma Santem, fundador da escola e Professor de Budismo. Este é o “chão” onde começa a minha caminhada. No item *Contexto e percurso da pesquisa* apresento o caminho metodológico percorrido que possibilitou a escrita deste trabalho e as reflexões decorrentes deste processo.

Na seção seguinte, intitulada *Faz-se o caminho ao andar: Meu processo de transformação no encontro com a Pedagogia da Mandala* já são os meus passos, vivências e experiências, que foram sendo produzidos no encontro com a prática apresentada acima, que servem de base para uma reflexão sobre o método da escola e sua implicação na constituição do meu ser como educadora. Apresento a Pedagogia da Mandala como um método que é próprio da escola em que atuo e a prática pedagógica a partir das cinco sabedorias, já entrelaçados ao meu fazer pedagógico e abordados a partir da minha apropriação e compreensão do método, e das implicações disso na formação de uma postura e conduta de trabalho.

A seção *Não tenho um caminho novo, o que tenho de novo é um jeito de caminhar*, aborda a reflexão acerca das possibilidades e recursos que fui construindo ao longo da minha prática na escola e que transformaram minhas ações como educadora.

A reflexão acerca da experiência do estágio realizado no sétimo semestre traz elementos elucidativos para a compreensão deste processo. Os desdobramentos deste processo se revelam numa ação docente, qualificada pela formação no método da Pedagogia da Mandala e que pode ser aplicada em qualquer contexto mesmo não budista, sendo um método laico.

1. PRIMEIROS PASSOS: CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA

1.1 A proposta da escola Caminho do Meio

A Escola Caminho do Meio está situada na Estrada Caminho do Meio, no Município de Viamão (RS). Fundada em 2008, a escola está inserida no contexto do Centro de Estudos Budista Bodisatva – CEBB, uma instituição de ensino existente desde 1984, fundada e dirigida por Alfredo Aveline, ex-professor e pesquisador do departamento de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Posteriormente foi ordenado Lama¹ na tradição budista tibetana, em 1996, recebendo de seu professor, Chagdud Tulku Rinpoche (mestre tibetano fundador do templo budista de Três Coroas), o nome de Lama Padma Samten, pelo qual responde atualmente.

O CEBB hoje possui uma área de 16ha.e abriga um templo onde são realizados os ensinamentos e as práticas principais do centro, uma cozinha e refeitório coletivo, onde diariamente são servidas refeições para os moradores do centro, professores e a comunidade em geral. A alimentação é vegetariana e prioriza alimentos orgânicos e de produtores locais. Há alojamentos masculinos e femininos que abrigam residentes

¹Lama é o professor dentro da referida tradição. Literalmente, o termo quer dizer “mãe”, na representação desses que cuidam de outros seres com máxima dedicação.

voluntários que trabalham no CEBB e também acolhem os praticantes budistas (nomenclatura dos seguidores do budismo) nos retiros, a escola de educação infantil e ensino fundamental, horta e composteira comunitária, sala de meditação, abrigo de retiro fechado, loja de produtos e livros relacionados ao budismo, e as casas particulares dos moradores do centro.

Atualmente conta com 116 moradores incluindo adultos e crianças. Os moradores são praticantes budistas, ou estão de alguma forma conectados às ações e propostas do CEBB e da Escola Caminho do Meio. Alguns deles dedicam-se em tempo integral a atividades realizadas dentro do centro motivados a trazer benefícios diretos a todos e outros, conectados ao mesmo ideal, mas exercendo outras atividades fora do centro.

Neste contexto está a escola, que assim como o CEBB, nasceu do sonho do Lama Padma Samten e da sua comunidade de estudantes, de “oferecer uma educação voltada à lucidez e ação positiva no mundo”, e do trabalho conjunto de um grupo de moradores e praticantes que na época tinham crianças pequenas e também desejavam um lugar que acolhesse seus filhos a partir da visão e dos princípios que estavam sendo estudados e praticados no CEBB. Pensando uma escola que promova a “educação para a felicidade” e não só como um espaço que treina pessoas para ocuparem lugares dentro de um processo social guiado pelo fator econômico.

Desde a sua criação, a escola se propõe a ser um espaço de desenvolvimento, onde “todos são aprendizes”: pais, professores e crianças. Um ambiente que favoreça e estimule o desenvolvimento integral de todos, onde as relações são priorizadas e todos considerados como agentes no processo de educação e transformação.

Na época de sua fundação, a escola contava com um prédio de piso térreo, com um amplo salão, sem divisórias, que havia sido construído para abrigar um refeitório comunitário, mas que foi então adaptado para receber as crianças. Este espaço contava com uma sala coletiva, uma cozinha, dois banheiros, um para adultos e outro para crianças, e com um espaço externo de pracinha, abrigou inicialmente a primeira turma de educação infantil. Hoje a escola funciona com duas turmas de maternal, uma turma de jardim, e duas turmas de ensino fundamental, de primeiro e segundo ciclo.

Para acolher este grupo de crianças e educadores, a escola conta com as salas de aula específicas para cada grupo, com uma biblioteca, secretaria, espaço coberto para atividades esportivas e um amplo espaço externo, bosque e composteira.

A turma do jardim, na qual eu trabalho, possui um prédio que foi adaptado para acolher as crianças e oferecer um ambiente adequado para que a proposta pedagógica da escola possa se efetivar. Contamos com uma sala ampla e arejada, com espaço para brincar livre, casinhas, mesa coletiva para o lanche e atividades, espaço de leitura e relaxamento, uma cozinha, banheiro para os professores e para as crianças. Além de um amplo pátio externo, com mini horta de temperos e chás, composteira, caixa de areia, balanços e brinquedos em geral.

A proposta está voltada para uma educação em cultura de paz, pensada como uma forma de despertar e favorecer as qualidades positivas que estão presentes em cada um de nós, para que desta forma, seja possível estabelecermos melhores relações conosco, com os outros, com a sociedade e com o ambiente ao redor. A melhoria na qualidade das nossas relações pode nos trazer mais equilíbrio e serenidade dentro do contexto em que vivemos. Pode nos ajudar a perceber mais profundamente a potencial liberdade presente em cada papel em que atuamos, e nas ações correspondentes a estes papéis. Ajudando-nos a promover ações mais positivas e conscientes e ampliando nossa capacidade de agirmos no mundo de modo a beneficiar a nós mesmos e as pessoas ao nosso redor.

Para gerar e propiciar estas ações transformadoras, a escola incluiu a cultura de paz como tópico relevante na sua relação com a comunidade, com as famílias, as crianças e todo ambiente ao redor. Deste modo,

A Escola Caminho do Meio objetiva suas ações educativas aos valores universais como Cultura de Paz, Responsabilidade Universal e Bom Coração. Para isso, inspira-se na filosofia budista, ancorada em uma abordagem que prioriza a sustentabilidade, a criatividade, a integralidade, a pluralidade e a complementaridade de visões, além da construção vivencial e participativa de um conhecimento significativo e integrado à dimensão emocional e a habilidades concretas variadas. Busca, assim, uma educação de mente, coração, mãos e corpo inteiro. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.4)

A escola baseia sua proposta pedagógica nas cinco sabedorias, e busca resgatar valores a elas relacionados que são sistematizados na tradição budista e apreendidos a partir dos ensinamentos de Lama Padma Samten (2006), a saber: Sabedoria do Acolhimento, Sabedoria da Igualdade, Sabedoria Investigativa, Sabedoria da Causalidade e Sabedoria da Transcendência.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola,

A dimensão de sabedoria tem centralidade na proposta, tendo como inspiração a descoberta do mundo interno como elemento estruturador das experiências subjetivas de cada uma das crianças envolvidas, bem como da equipe e famílias. Essa noção de inseparabilidade entre o mundo interno e o mundo externo é representada pela noção de mandala e dá surgimento às cinco sabedorias lúcidas que compõem um dos princípios norteadores da escola. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2015, p.5)

Esses valores fazem parte do exercício prático dos professores, que podem oferece-los às crianças a partir do seu próprio exemplo. Eles não são apresentados de forma discursiva, mas fazem parte da prática diária dos educadores e das crianças. Estão todos envolvidos neste processo de transformação, pais, alunos e educadores, e cada um partindo do ponto onde está dentro de suas possibilidades, potenciais e limites.

As sabedorias estão descritas aqui de forma resumida² e separadas para que possam ser compreendidas e apresentadas no trabalho, mas na prática elas são indissociáveis. Também no plano anual da escola elas estão separadas em bimestres, períodos nos quais é dada a ênfase do trabalho a uma determinada sabedoria, mas elas estão todas presentes e disponíveis a qualquer momento.

- 1) Sabedoria do Espelho (cor: azul): A sabedoria do espelho nos permite oferecer aquilo que faz sentido dentro do mundo do outro com quem nos relacionamos, aquilo que ele é capaz de entender. Esta sabedoria nos permite acolher o outro onde quer que ele esteja e a partir dela pretendemos estabelecer um contato positivo, que nos permite ir adiante no aprendizado, de forma significativa e produtiva. Esta sabedoria nos permite a compreensão de que o mundo que vemos ao nosso redor é um mundo que reflete a nossa mente.
- 2) Sabedoria da Igualdade (cor: amarelo). Esta compreensão faz nascer um interesse genuíno em mover-se na direção do outro, amparando, promovendo qualidades positivas como compaixão, alegria, equanimidade, generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração e sabedoria. No contexto da prática educativa incrementamos as qualidades positivas que permitem um crescimento dentro do contexto das aprendizagens que demandam cada etapa.

²Resumo realizado a partir de uma apostila da escola organizada por Fabiana Rocha dos Santos (2010).

- 3) Sabedoria Investigativa (cor: vermelho): Tem por base a lucidez e a serenidade. No contexto da prática educativa constitui o eixo de compreensão que nos permite diagnosticar obstáculos, orientar e escolher os meios de ação adequados a cada situação.
- 4) Sabedoria da Causalidade (cor: verde): Sabedoria que brota da adversidade das circunstâncias. No contexto da prática educativa permite que avancemos além das sensações de ganho ou perda, vantagem ou desvantagem, nossa e dos outros. Permite que possamos dissolver obstáculos e negatividades, ou integrá-las, para que as aprendizagens sejam significativas e positivas.
- 5) Sabedoria da Transcendência (cor: branco): Permite-nos não dar concretude demasiada as situações e fenômenos, ou, ao que quer que esteja nos afetando, permitindo o acesso a região de lucidez, coragem, estabilidade, criatividade e segurança, interna em cada um.

1.2 Uma educação que, prioritariamente, integra a espiritualidade

O termo espiritualidade é tomado aqui a partir de um recorte bem específico com influências budistas, que é o do ponto de vista da prática realizada na escola sob a orientação do Lama Padma Samten, e já relacionado à educação e ao processo de auto desenvolvimento do educador e do desenvolvimento de sua ação pedagógica como ação no mundo visando beneficiar os seres vivos, animais, vegetais, o ambiente e o universo.

Na abordagem da educação sob a perspectiva budista, precisamos desenvolver uma convicção de que o ponto central é ultrapassar a dificuldade de ver. Quando compreendemos este ponto, compreendemos como a questão da espiritualidade é, de fato, uma questão de visão ampla e lúcida da realidade. A espiritualidade se coloca nesse sentido. Não se coloca como uma tradição religiosa que vem convencer as pessoas a fazer uma coisa e não outra, mas é um processo mais profundo, pelo qual nós penetramos na realidade de uma forma mais abrangente. (SAMTEN, 2010, p.20)

A visão de espiritualidade nesse contexto é entendida como descoberta do mundo interno e a sua relação com as nossas experiências de um amplo ponto de

vista e compreensão. Mundo interno aqui citado, refere-se aos processos mentais, subjetivos, da nossa experiência. Vamos localizar aspectos sutis que influenciam a forma como experimentamos a realidade, até mesmo definindo o tipo de realidade que experimentamos. É um processo em primeira pessoa que envolve a observação, por exemplo, das nossas emoções, processos cognitivos, investigação do sujeito e afins.

Essa visão é apresentada para os professores, que devem se apropriar desta compreensão de forma prática, realizando pessoalmente este processo investigativo e contemplativo em si e na sua prática docente. A meditação é apontada como uma das principais ferramentas que nos permite avançarmos nisso, sendo a própria meditação o processo pelo qual se observa e, de forma estratégica, se toma consciência da experiência subjetiva, dos estímulos do ambiente e se integre a experiência à visão e posteriormente à conduta.

Assim, como nos apresenta Santem (apud ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.2),

a espiritualidade traz a experiência daqueles que contemplaram por dentro, utilizaram a mente para examinar a mente e descobriram muitos mundos internos. Esses mundos internos, com certeza, são mais amplos, mais interessantes, mais abertos, mais luminosos, do que os mundos que vemos fora. Eles são mais numerosos, muito mais amplos. Eles contêm o mundo externo como nós estamos vendo e contêm muitos outros mundos. Isso é crucial. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.2)

Na sua prática docente, o educador, sob a orientação do método da Pedagogia da Mandala, pode compreender que a visão de espiritualidade, não é algo que está fora dele, mas que é um processo diário de reflexão e investigação subjetiva, atualização do mundo interno na consciência.

A espiritualidade não está fora da vida, mas é parte dela. Falando com mais rigor, a espiritualidade é um modo de viver a própria vida. Em nenhum lugar poderemos encontrar a dimensão espiritual separada do viver, pois não há um compartimento especial reservado para a mesma. Compreender isso já é parte da vivência espiritual (POLICARPO JUNIOR, 2010, p.81).

Os mundos internos a partir dos quais estamos agindo não estão separados daquilo que olhamos fora, e que percebemos como a realidade externa. Sem

perceber, tomamos por referencial, processos internos a partir dos quais geramos uma sensação de realidade externa, que é, na linguagem budista, coemergente com a realidade interna. A coemergência trata do surgimento conjunto do mundo objetivo com o mundo subjetivo. A tradição dos contemplativos budistas localizou esse fenômeno como atributo natural da nossa mente referindo que há uma não-dualidade inerente ao processo da percepção da realidade, mas que nem sempre é percebida, pois há uma tendência a pensar que o mundo lá fora está separado do observador. No entanto, esse atributo não pode ser medido, quantificado e objetificado, por se tratar de uma experiência que se dá em primeira pessoa³, onde se investiga a mente usando um processo introspectivo.

No que diz respeito a esse processo de surgimento interdependente dos mundos internos e externos e o processo educativo envolvido, no documentário “Escolarizando o Mundo” (2010), o antropólogo Wade Davis descreve o seguinte:

Se você foi criado no Colorado para acreditar que uma montanha é uma pilha inerte de pedras, esperando para ser dinamitada, você terá uma relação muito diferente com aquela montanha do que uma criança do sul do Peru que acredita piamente que uma montanha é um espírito Apu, uma deidade protetora, que irá direcionar seu destino ao longo da vida. Mas a observação interessante não é nem que a montanha seja de fato um espírito ou apenas uma pilha de terra. A observação interessante é como o sistema de educação que define o que a montanha é, cria um diferente ser humano com uma diferente relação com a terra.

Vemos aqui que o fenômeno da coemergência é de crucial importância. Os elementos referenciais sutis em que as crianças são educadas vão servir de base para definir a visão de mundo delas; e mais importante do que isso, a relação que elas terão com a realidade circundante. No entanto, isso só é possível quando colocamos o mundo interno como parte integrante da instância pedagógica, quando passamos a valorizar o mundo interno do professor e do aluno na prática docente. Nossos mundos internos funcionam como espelhos que refletem seu conteúdo na experiência objetiva. Assim é importante que disponibilizemos conteúdos sadios para que isso reflita de maneira elevada na constituição das narrativas dos mundos internos das crianças.

³As ciências em terceira pessoa vão investigar o cérebro, ambiente, o comportamento, os sinais externos e objetivos. A que fazem isso em segunda pessoa vão investigar o que a pessoa fala, o que as pessoas ao redor dizem, os aspectos culturais e intersubjetivos.

Na escola, ainda que a proposta tenha seus referenciais apoiados no budismo, a abordagem e a conduta de todos devem ser ancoradas na lucidez, de modo que possamos contemplar estes fenômenos a partir da ampliação da visão e da compreensão da realidade proposta pela filosofia budista sem entrar no aspecto religioso do Budismo.

Este aspecto é entendido a partir da compreensão de que

O cerne da sabedoria está no coração, está dentro, não em artifícios externos. O processo da espiritualidade é a própria lucidez. A espiritualidade não é assim: nós vamos formar uma realidade artificial chamada budismo e nos fixar naquilo. Não se trata disso. Na escola, vamos nos beneficiar da sabedoria presente no budismo para ter condições, essencialmente, de ampliar a visão (SAMTEN, 2010, p.18).

“Ampliar a visão” aqui, diz respeito, à capacidade de aprimorarmos nossa visão de mundo e da compreensão da realidade de uma perspectiva que inclui a relação do mundo interno com o mundo externo. Vamos nos dar conta de que nossa visão é geralmente estreita, condicionada por referenciais, que muitas vezes são variáveis que não temos consciência mas que estão operando no nosso processo de conhecimento da realidade. Deste modo, precisaríamos reconhecer o potencial cognitivo da nossa mente de poder observar de uma perspectiva em que o referenciais sejam percebidos como tal e não limitem a visão das coisas. Compreendendo este fenômeno e considerando que a realidade pode ser expressa de diferentes modos, na medida em que o observador está implicado no processo de desvelamento do mundo que aparece diante dos próprios olhos.

Se sabemos que nosso mundo é sempre o mundo que construímos com outros, toda vez que nos encontrarmos em contradição ou oposição a outro ser humano com quem desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser a de reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista, e sim a de considerar que nosso ponto de vista é resultado de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido como o de nosso oponente, ainda que o dele nos pareça menos desejável. Caberá, portanto, buscar uma perspectiva mais abrangente, de um domínio experiencial em que o outro também tenha lugar e no qual possamos, com ele, construir um mundo (MATURANA, 1995, p.262).

A partir daí tomamos conhecimento de que existem estas dimensões que definem a forma que vemos a realidade, a forma como nos relacionamos com ela, e

a forma que os objetos, situações e experiências em geral ganham seus significados. Assim, nossa experiência de mundo é sempre parcial, limitada ao número de possibilidades internas que dispomos a partir das constituintes da paisagem mental específica. As possibilidades que percebemos restringem a nossa ação em meio ao mundo, porque elas definem os caminhos que a nossa cognição, percepção, sensação e consciência vão se mover. Assim como o filósofo Wittgenstein (1968) afirma, “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”.

Contemplar o mundo interno revela um aspecto muito sutil que na filosofia budista que estudamos no Caminho do Meio, costumamos chamar de ação da paisagem. E ela opera mesmo sem que percebamos. No sentido budista a compreensão da paisagem é fundamental. Essa paisagem sutil é o repertório que sentimos ser, onde atuamos, e referidos a ela, reagimos ao que nos acontece.

Quando nos deslocamos para outras paisagens mentais, as possibilidades se modificam e automaticamente a significação dos objetos, situações e experiências em geral. Isso revela o papel do mundo interno (subjetivo) e sua relação com o mundo externo. Esta “troca” é possível na medida em que conseguimos silenciar o processo usual permitindo a descoberta de um espaço mais amplo e abrangente.

Essa é uma das grandes contribuições do budismo e suas práticas contemplativas, com suas diferentes técnicas de meditação, a de questionar a qualidade do processo perceptivo da pessoa e como ela passa a agir em função disso. Podemos localizar este espaço e nos confrontarmos com o processo de formação da realidade a partir dos nossos referenciais internos. A forma “lúcida” como se pretende se aproximar da realidade capacita a operar cognitivamente fora dessas dimensões restritas de realidade como percebidas anteriormente e ao mesmo tempo poder entrar nelas e não perder a consciência desse espaço livre. Essa seria, na premissa budista, a condição e capacidade natural da nossa mente. A capacidade de gerar visões de realidade e sentir e agir em conformidade com elas.

Essa mesma capacidade cria então estas dimensões de realidade. Ela acaba por modificar o nosso modo de ver o mundo e, conseqüentemente, o desconhecimento dessa liberdade condiciona nosso agir de formas pré-definidas e praticamente inconscientes pois vamos achar que o mundo é assim, que a realidade é assim e não que eu é que estou percebendo assim. Mas operar desta maneira não é visto como bom, nem ruim, apenas é um modo de vivenciarmos as coisas e de nos

relacionarmos com a realidade, sem nem nos darmos conta, como se ela fosse fixa, concreta, dual e independente. Conseqüentemente, nos sentimos vítimas sem autonomia para transitar em variadas percepções de realidade. Na medida em que percebemos isso, podemos não nos fixar nas aparências das coisas e nem mesmo nos referenciais internos e nos movimentarmos no mundo de outras infinitas maneiras.

Aplicada à educação, essa capacidade amplia a ação do professor, que pode ainda, apoiando-se nas cinco sabedorias, escolher de modo consciente suas visões de realidade e as suas ações e intervenções. Poder ensinar isso às crianças de acordo com sua capacidade de compreensão pode ser um rico tesouro. O tesouro de conhecer a própria mente e a forma como ela pode funcionar, gerando uma fonte de riqueza para si e para os outros.

Deste modo, como nos aponta Policarpo Junior (2010), “o cultivo da espiritualidade pode nos proporcionar viver neste mundo de um modo inteiro e completo, desde que entendamos que essa completude se refere ao nosso ser”.

1.3 Contexto e percurso da pesquisa

“Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. “

(Walter Benjamin)

Meu ingresso no curso de pedagogia coincide com o período em que comecei a trabalhar na escola Caminho do Meio. Não é à toa que considero este fato como de suma importância na minha formação. Durante minha caminhada formativa nos últimos anos estas duas esferas seguiram entrelaçadas, sempre em diálogo uma com a outra.

Meu trabalho de conclusão de curso não poderia deixar de dar conta deste encontro e das reflexões e aprendizagens que vivenciei influenciadas pelo método proposto pela escola e que estiveram sempre em interlocução com a minha formação acadêmica. Da mesma forma, a escolha do tema partiu da constatação da relevância da minha inusitada experiência, já que trabalho na única escola infantil budista da região sul.

Este trabalho se constitui, então, em um processo de escrita que não separa investigação na ação e processo de análise e reflexão sobre a experiência. Meu material de análise se constituiu a partir das minhas memórias e do meu exercício de escrita e reflexão sobre o método da escola. Ao longo da escrita do trabalho fui tecendo um caminho de apoderamento e reflexão sobre a o método proposto e sua relação com a minha formação e prática docente. Tanto esta escrita é um processo de aprendizado por revisar experiências e ordená-las conceitualmente quanto avança na produção de conhecimento sobre as contribuições da filosofia budista na educação infantil e na formação em serviço dos seus professores.

Realizei a escrita de um pequeno memorial que abarca o período da minha trajetória de formação acadêmica e profissional. A escolha do memorial foi de encontro a minha vontade de expressar minha própria experiência formativa que ocorreu de maneira formal no curso de Pedagogia, mas principalmente no fazer docente cotidiano e embates travados diariamente com os desafios de integrar budismo, autodesenvolvimento e educação infantil.

Apropriar-se e pensar a formação, focadas nos memoriais, configura-se como fator preponderante para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam dimensões pessoal e profissional da vida do sujeito, compreendendo as influências referentes às escolhas que são feitas no decorrer da vida. Só assim, analisando o percurso, no sentido de desvendar o profissional que nos habita, e que desejamos ser, é possível conhecer a própria historicidade e dar sentido às experiências vividas, resignificando conhecimentos e aprendizagens experienciais. (SOUZA, 2008, p.44)

Para dialogar com as minhas reflexões busquei o aporte de autores que oferecem um olhar para além da perspectiva tecnicista da formação docente, com uma visão que inclui as histórias de vida e aprendizagens do professor que se constituem para além da sua formação acadêmica. Buscando a contribuição dos

estudos de Souza (2008), Nóvoa (1992, 2001, 2009, 2010), Josso (2004), Passeggi (2010), Policarpo Junior (2010) dentre outros.

A escrita buscou revelar a influência do método pedagógico usado na escola em que trabalho, sendo uma proposta que inclui a espiritualidade de um amplo ponto de vista. Nestes últimos anos eu fui sendo construída como professora (e ainda estou em processo) na escola e nas diversas experiências que a vida foi me apresentando e tem me parecido muito rico poder avaliar o impacto de todo esse processo na minha constituição como pessoa e como docente.

A escolha desta abordagem pretendeu dar conta desta questão, no sentido que Nóvoa (2010) apresenta, que “a abordagem (auto)biográfica permite ao adulto apropriar-se de seu processo de formação, pautando-se no princípio de que é a própria pessoa que se forma, à medida que vai entendendo a sua própria trajetória de vida.”

Ao narrar minha história, eu me propus a tomá-la como o próprio corpus da pesquisa, e desta forma eu me impliquei neste processo tanto como pesquisadora, como sujeito/caso da pesquisa. Ao longo da escrita, tecendo uma reflexão sobre o método da escola a partir da minha apropriação e entendimento do mesmo, revelada pelas minhas experiências vividas nesta relação.

Conforme Souza (2008) nos descreve,

[...] a abordagem biográfica é pertinente, por ser considerada um meio de investigação e um instrumento pedagógico. Essa dupla função justifica a utilização do método no domínio das ciências da educação e mais especificamente, no âmbito do trabalho com memoriais acadêmicos de professores em processo de formação. Como investigação, tal abordagem contribui para a apreensão de dispositivos sobre os percursos de formação e de dimensões do cotidiano escolar, de questões vinculadas à profissão, além de possibilitar a apreensão de diferentes processos de aprendizagem, de conhecimento e de formação, através das experiências e modos de narrar às histórias individuais e coletivas, expressas nos memoriais de formação. (SOUZA, 2008, p.43)

Discorre-se então um texto, que é uma escrita de si, mas que é individual e coletivo ao mesmo tempo, na medida em que sua dimensão coletiva pode ser apreendida na narrativa tendo em vista que descrevo meu processo de formação inscrito numa teia de relações, e sua dimensão individual está no registro da minha

percepção do que foi vivido e dos significados que dou a isso, destacando determinados momentos da minha caminhada, que foram importantes neste processo.

Como aponta JOSSO (2004, p.85), o método auto biográfico permite tal propósito, “tratando-se de uma metodologia de pesquisa e de formação orientada por um projeto de conhecimento coletivo e individual, associado a um processo de formação existencialmente individualizado”

2. O CAMINHO SE FAZ AO ANDAR: MEU PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO NO ENCONTRO COM A PEDAGOGIA DA MANDALA

“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa além do que vimos sendo”.

(Jorge Larrosa)

Uma vez apresentada a proposta e os principais referenciais que a inspiram, esta parte do trabalho se dedica a apresentar como se deu a minha inserção neste contexto e a minha apropriação destes princípios que implicaram num processo de transformação pessoal e profissional, culminando na reflexão sobre a postura e conduta interna do professor que decorrem da relação com tais referenciais.

2.1 Minha inserção na escola Caminho do Meio

Em dezembro de 2010 voltei a morar na casa dos meus pais. Com 31 anos, após o falecimento da minha avó, com quem eu morava, me vi sem chão. No período que antecedeu sua morte, eu optei por deixar o trabalho que eu realizava numa escola em Porto Alegre para acompanhá-la.

E assim, por motivos que ultrapassavam minhas escolhas, precisei retornar à casa dos meus pais, de onde eu já havia saído no início da adolescência. Ter “saído de casa” significava o ingresso na vida adulta e também a minha independência, mas agora sem trabalho, sem condições de me sustentar precisei recorrer a ajuda dos meus pais para refazer a minha vida e as minhas escolhas.

Quando eu tinha 5 anos nos mudamos para o sítio que meus pais moram desde então. A propriedade se situa na Estrada Caminho do Meio, mesmo endereço e nome da escola que em alguns meses eu passaria a trabalhar. A expressão “caminho do meio”, tem diferentes traduções na linguagem budista, mas pode usualmente ser vista também como o meio termo entre dois pólos antagônicos.

A Escola Caminho do Meio está situada na mesma rua da minha casa, a 800 metros, e foi numa manhã, saindo de casa à caminho do centro de Viamão, que passei diante da entrada do CEBB e vi a placa da escola e uma placa do centro budista que dizia: “Não trazer sofrimento aos seres, Gerar benefícios, Dirigir a própria mente, Eis os ensinamentos de Buda.”



Foto 1: Portão de entrada do CEBB. Acervo pessoal.

Ler estas frases e saber da escola me inspirou de imediato. “Vou trabalhar nesta escola, foi por isso que vim parar aqui” brinquei com meus pensamentos. No mesmo dia procurei informações da escola na internet e entrei em contato com a direção para uma conversa.

Já nas primeiras buscas, eu me conectei diretamente com a proposta. Na época, eu já pesquisava propostas pedagógicas inspiradas num paradigma mais holístico, e já tinha tido algumas experiências com a Pedagogia Waldorf e outras práticas que contemplam o desenvolvimento físico, anímico e espiritual de forma integrada.

Diante dos acontecimentos que num primeiro momento pareciam representar um grande fracasso pra mim, sem trabalho, sem casa, precisando pedir ajuda dos meus pais, como se eu estivesse retornando a um estágio anterior da minha evolução pude de alguma forma ter um pequeno vislumbre do fato que, como aponta Policarpo Junior, (2010, p.82) “a grande maioria das pessoas vive a vida como se fosse externa a elas mesmas, estamos acostumados a tratar os diversos aspectos da vida como demandas, isto é, como aspectos que temos de reagir ou responder sempre de um determinado modo”.

Inspirada pelas palavras que havia lido, e pelas ideias de alguns textos, que na época pesquisei na internet, pensei que os fatos que estavam acontecendo na minha vida não tinham uma significância em si, mas estavam sendo significados por mim, e podiam ser olhados de outra forma. Uma primeira intuição sobre a liberdade frente à realidade “externa”. Isso me permitiu ampliar o meu olhar e ver que haviam outras saídas, outras possibilidades possíveis, e não um desfecho pré-determinado.

Eu tive vontade de me conectar com algo que eu realmente acreditasse, e que fizesse sentido para mim, e não ceder ao movimento e a sensação de ser arrastada pelos acontecimentos numa realidade “externa” opressora e eu sem opções de escolha. Neste sentido, a escola me encontrou, mas foi a minha vontade de ir ao encontro do meu propósito de trabalhar na educação, de poder contribuir de alguma forma positiva na vida dos meus alunos enquanto me desenvolvo como ser humano, que possibilitaram o nosso encontro.

Meu trabalho com crianças vem de uma longa caminhada. Em 1996, após o término do meu ensino médio, iniciei um trabalho voluntário com crianças orientado

pela ONG Parceiros Voluntários. Desde então, eu tinha a convicção de que gostaria de trabalhar com crianças. Eu sentia um desejo muito grande de poder fazer algo que pudesse ajudar as crianças a experienciarem o mundo de uma forma mais positiva e as ajudassem a se desenvolverem de forma integral. Na época, eu realizava trabalhos tendo a arte como suporte para tal objetivo.

Muitos foram meus passos em direção a esta vontade, incluindo cursos, estágios e experiências em diferentes contextos, que não serão contemplados aqui, mas que merecem ser lembrados como constituintes do caminho que me levou a optar pela docência e pelo trabalho com crianças.

No segundo semestre do ano de 2010 eu já cursava o terceiro semestre do curso noturno de pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e já havia realizado alguns estágios em escolas de educação infantil, incluindo a última experiência, e a mais longa, na Escola Amigos do Verde. Em função disso, eu mantinha a vontade de trabalhar com crianças na faixa etária até os 6 anos de idade em contextos escolares com visão diferente da tradicional.

Diante dos acontecimentos deste período, o “caminho do meio” que encontrei então, foi o de aceitar que este retorno à casa dos meus pais não precisaria significar necessariamente um fracasso, ou como se eu estivesse “andando para trás”, mas talvez uma oportunidade para que eu pudesse me relacionar com eles de outra forma, realizar alguns resgates e principalmente, a possibilidade de integrar uma proposta educativa que se apresentava como algo que ia ao encontro dos meus anseios profissionais e pessoais.

Pela primeira vez eu tinha percebido que eu podia dar o sentido que eu quisesse à experiência que eu estava vivendo, que de certa forma, eu poderia “dirigir a própria mente”.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (LARROSA, 2002, p.27).

Desse episódio inicial até o começo das minhas atividades na escola, foram alguns dias de conversa e surpresas. Primeiro, a escola ficou com meu currículo e ficou de me chamar se alguma vaga estivesse disponível, pois a equipe já estava completa. Alguns dias depois, recebi o telefonema da diretora comunicando que uma professora havia desistido da vaga e que então eu estava sendo chamada.

Assim, em fevereiro de 2011 eu assumi uma turma de Jardim composta por 9 crianças com idades entre 3 anos e 4 anos e meio. A turma na época se chamava “Ênfase II”. A escola que funcionava em turno integral, mantinha três turmas, ênfase I (1 ano e meio a 3 anos), ênfase II (3 anos a 4 anos e meio) e ênfase III (4 anos e meio a 6 anos). Eu era a educadora que acompanhava a turma no turno da manhã e dividia os cuidados da turma com o professor G., que os acompanhava no turno da tarde. A maioria dos professores que compunham o corpo docente da escola na época eram praticantes budistas e moradores do centro.



Foto1: Minha primeira turma em 2011. Acervo pessoal.

A escola, como já foi apresentada, está inscrita num contexto de estudos budistas e fundamenta suas práticas pedagógicas na filosofia budista, mas para ser professor na escola, e também aluno, não é necessário ser um praticante budista, mas estar aberto para dialogar com estes referenciais e realizar as formações propostas pela escola para poder se apropriar dos conceitos e aplicá-los no cotidiano com as crianças.

No mesmo ano, através de um processo de transferência voluntária consegui ingressar na UFRGS e assim realizar um antigo sonho. No segundo semestre de 2011 iniciei minha formação no curso de pedagogia. Mais um campo se abria para mim, desta forma, meu processo de formação na escola se deu em paralelo ao meu processo de formação na universidade. E ambos foram se constituindo em um diálogo permanente.

2.2 Encontro com a Pedagogia da Mandala e a prática docente a partir das cinco sabedorias

2.2.1 Pedagogia da Mandala

No budismo existe então, a noção de que “o mundo que nos circunda é inseparável de nós mesmos”. Segundo SAMTEN (2006), a partir desta compreensão, podemos pensar que se praticarmos ações positivas, se cuidarmos das coisas ao nosso redor, das relações com as pessoas que nos rodeiam, da natureza que nos circunda, estamos cuidando também de nós mesmos. Na mesma medida, nossas ações que causam danos ou prejuízos as pessoas e ao ambiente nos afetam exercem um efeito a nós mesmos. Assim, estaríamos todos ligados uns aos outros, dependendo uns dos outros também. A palavra utilizada para introduzir a ideia dos mundos internos onde nossas qualidades inerentes surgem espontaneamente; e sem que oscilem com as condições externas, é mandala:

Mandala não se refere apenas a como um mundo material surge, mas especialmente como surgem a experiência desse mundo, o observador, os limites cognitivos, as energias de ação, as emoções e o corpo. Cada mandala surge inseparável de um tipo correspondente de *inteligência* viva e ativa. Essas inteligências são transcendentais, não pessoais, não corruptíveis e livres do tempo. Incessantemente disponíveis, podem ser reconhecidas e acessadas sem esforço ou luta a qualquer momento. (SAMTEN, 2006, p.13).

A concepção de mandala também inclui a noção de que o mundo externo é inseparável do mundo interno. Por exemplo, “se purificamos o mundo interno, os

nossos olhos, nossos sentidos físicos, veremos o mundo puro do lado de fora” (SAMTEN, 2010, p.27) Podemos conduzir nossas ações a partir de um referencial onde compreendemos que quando fazemos coisas positivas, isso gera um movimento positivo, para nós e para os outros e quando fazemos coisas negativas, isso tem consequências negativas também.

Esse é um elemento importante que passa então a ser contemplado no processo de educação, assim, podemos agir a partir de uma lógica onde nossas ações podem gerar benefícios e se pacificarem, sem esforço. Na medida em que praticamos isso, vamos cada vez mais adquirindo condições de realizar ações positivas e adequadas, apoiados nas lógicas das mandalas de sabedoria. “O mundo e as coisas ao nosso redor continuam os mesmos, mas nós mudamos nosso olhar, e isso muda tudo” (SAMTEN, 2006, p.14)

A partir disso, está dentro do modelo da escola a *educação para a mandala*:

Através disso, vamos em direção a um referencial lúcido, só que dentro desse referencial, ele não é apenas lúcido, tem uma energia, um brilho, uma felicidade ali dentro. Além disso, a mandala é desimpedida e não compete com a realidade, não é contraditória, não é assim: “eu vou seguir por aqui lutando contra os outros”. Não vamos lutar. Não é por luta, é por uma visão mais ampla. Entendendo isso, esse é nosso propósito, que explica o objetivo do processo de educação que, afinal, aspira à felicidade e verdadeiro benefício dos seres, não sendo, portanto, divergente do processo educacional comum. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.41)

Se como educadores, vamos praticando a capacidade de agir a partir da mandala, mais facilmente vamos manifestar aquilo que queremos demonstrar as crianças. Um exemplo utilizado na descrição do método da escola é o de que quando cuidamos ou salvamos um animal que foi machucado, a criança tende a olhar isso de uma forma desobstruída como algo positivo. Elas não estão raciocinando se isso é positivo ou negativo, elas têm a tendência de fazer igual, a terem a mesma ação diante da mesma situação. Então, “a forma como nós cuidamos das crianças introduz um processo de relação que elas vão usando como exemplo de conduta” (SAMTEN, 2010, p.31) Esse é o princípio geral da mandala. Mesmo quando não temos capacidade de introduzir cognitivamente, temos o processo da mandala que está inserindo o tempo todo as crianças no processo de aprendizagem.

Portanto, na proposta da escola, a ideia é podermos agir diante das crianças, a partir da mandala de cada uma das cinco sabedorias. Deste modo, cada sabedoria oferece ao professor um sistema de referenciais que vai ampliar as suas possibilidades de ação e condução. Elas introduzem uma visão a partir da qual o educador, a nível de fala, corpo, energia e pensamentos, pode se conectar e agir a partir disso.

As formações da escola tem um papel muito importante na apreensão disso, e se estruturam a partir de encontros mensais onde as cinco sabedorias são apresentadas de forma detalhada e em diálogo com o cotidiano da escola. Além da possibilidade de acessar estes conhecimentos a partir da participação de retiros propostos no CEBB, e na literatura budista que contempla este tema.

Deste modo, ao longo dos últimos anos na escola, minha compreensão acerca das cinco sabedorias foi se ampliando na medida que, partindo de uma compreensão cognitiva, apoiada nos estudos e leituras, fui exercitando esta compreensão não só nas minhas ações diante das crianças na escola, mas também nas minhas relações em geral.

E em decorrência disso, por se tratar não do treinamento de uma habilidade, mas de uma transformação no modo de ver e se relacionar com as coisas, a minha vinculação com as cinco sabedorias no contexto da escola, permitiu que eu desenvolvesse e me apropriasse de um modo de agir de forma mais ampla e benéfica para mim, para as minhas relações na escola, com as crianças e os educadores em geral, e nas minhas relações pessoais.

2.2.2 A Prática docente a partir das cinco sabedorias

Tomada aqui no contexto da educação, a mandala das cinco sabedorias representa formas de perceber e de se movimentar nas diferentes situações no cotidiano escolar. Tratam de elementos a partir dos quais o professor pode inspirar-se para conduzir suas ações e intervenções no dia a dia com as crianças. Na escola, as cinco sabedorias são apresentadas como temas do plano anual e divididas por

bimestres. A cada período de dois meses, os professores tem como “pano de fundo” de suas ações e planejamentos cada uma das cinco sabedorias.

Cada uma delas introduz, portanto, um sistema de referenciais, que retomo aqui, a partir das orientações do Lama Padma Samten (2009):

A Sabedoria do Espelho/ Acolhimento:

Esta sabedoria está ligada a capacidade de entender os outros no mundo deles e não a partir do nosso. Nós deveríamos pensar que o outro geralmente está certo dentro do mundo dele. Se nós tivermos a capacidade de falar dentro do mundo das pessoas, nós podemos ajudá-las a caminhar melhor. Quando nossa linguagem não funciona, é porque nós não conseguimos falar dentro do mundo dos outros.

A Sabedoria da Igualdade/Generosidade:

Quando fazemos algo de bom para os outros, não só eles, mas nós também nos alegramos. Um professor se alegra quando ensina um aluno, um trabalhador fica feliz por produzir algo útil para outras pessoas. Ficamos felizes quando ajudamos alguém. O que eu faço para o outro é igual para mim. É inseparável. Se ele está feliz eu estarei feliz.

A Sabedoria Discriminativa/Investigativa:

Não há nada que hoje nos traz felicidade, que amanhã não poderá trazer sofrimento. O que ganhamos hoje, podemos eventualmente perder amanhã. É também a compreensão da impermanência, tudo tem um ciclo de início e fim, tudo é mutável e nada permanece como está.

A Sabedoria da Causalidade/ Causa e efeito:

Para cada ação, existe uma reação. Se agirmos de modo positivo, de modo geral, receberemos coisas boas de volta. Se agirmos de modo negativo, de modo geral, receberemos coisas negativas. Ao agirmos de maneira negativa, podemos criar problemas para nós de três maneiras com o corpo, fala e mente. Esta também pode ser entendida como a sabedoria da transmutação. O que vier de negativo para nós, podemos transformar e devolver a ação de modo positivo.

A Sabedoria da Transcendência/ Transformação:

Esta sabedoria significa a nossa capacidade de compreensão da natureza livre da mente. Estamos além de vida e morte. Não somos as identidades que criamos todos os dias, mas sim a liberdade que gera essas identidades.

Uma das formas, a partir das quais podemos nos relacionar com as qualidades das cinco sabedorias é melhorando nossos relacionamentos e praticando as mesmas no nosso cotidiano. E foi por onde eu comecei. Para além do meu trabalho com as crianças e os estudos realizados no contexto de formação continuada da escola, inclui nas minhas atividades diárias o estudo e a prática das cinco sabedorias.

Na medida em que fui me aprofundando no estudo e na prática das mesmas no contexto da escola e no contexto da minha vida pessoal, pude sistematizá-las de modo a que se tornassem um método de trabalho. Entretanto esse é um processo contínuo e nunca está acabado, por isso a vigilância (treinada na meditação) é um treino constante.

Portanto, na minha prática na escola elas estão divididas em três aspectos, salientando que esta divisão é para que possam ser compreendidos, mas que na sua realização, estes aspectos estão relacionados e são inseparáveis.

O primeiro aspecto, trata da prática pessoal do professor que se traduz em como eu me relaciono com as qualidades das cinco sabedorias. Para cada sabedoria, existem aspectos a serem contemplados a nível da prática pessoal.

Depois, as cinco sabedorias são vistas como meios hábeis de intervenção com as crianças e nas situações pedagógicas. Cada uma delas oferece uma ação a ser realizada. Vistas como ações, o professor acolhe (Sabedoria do Acolhimento), irriga as qualidades (Sabedoria da Igualdade), oferece o fio e discrimina (Sabedoria Discriminativa), aponta a causalidade e age quando necessário (Sabedoria da Causalidade), transcende, brinca e cria (Sabedoria da Transcendência). Diante de qualquer situação do cotidiano, eu tenho como recurso de intervenção agir inspirada nas ações de cada uma das cinco sabedorias, assim, elas se tornam meios hábeis que posso acessar e conduzir as minhas ações.

Descrevo, a seguir, um exemplo de intervenção com as crianças para ilustrar este aspecto numa situação em que se questionaria quais seriam as ações possíveis diante da situação de uma criança que não quer juntar-se ao grupo e participar da hora do lanche:

Sabedoria do Acolhimento: olhar a criança no mundo dela, tentar compreender a sua manifestação. Será que já comeu em casa? Como estava antes de chegar à mesa?

Sabedoria da Igualdade: Irrigar as qualidades dela, ela sempre prova os alimentos? Lembrar que ela outras vezes já sentou na mesa e comeu com os colegas. Buscar ter um olhar elevado e aberto para ela nesta situação, focar nos aspectos positivos e não na sua dificuldade manifesta.

Sabedoria Discriminativa: Discriminar e explicar as coisas, dar um eixo positivo para a situação. Contar que nós comemos para crescer, precisamos de energia pra brincar. Lembrar por exemplo, das formigas comendo as cascas de frutas no jardim (explicação na linguagem da criança).

Sabedoria da causalidade: Aponta a causalidade das coisas e interfere quando necessário. Cortando as ações negativas que a criança pode estar manifestando, ela não vai, por isso, empurrar a mesa, brigar com os colegas, etc. lembrar que é a hora do lanche, que sentamos na mesa, que ela pode sentar e provar o alimento que vai ser oferecido.

Sabedoria da Transcendência: Transcende, brinca e cria. Pega uma banana e diz: “dona banana está perguntando porque você ainda não sentou?” Possivelmente ela ri e entra na história.

Estas ações são possíveis de serem aplicadas em diferentes situações, elas brotam como meios, como recursos que se manifestam de acordo com cada situação. Não são um modelo de intervenção, e precisam da implicação e da presença do professor para que com criatividade e abertura ele possa acessar estes recursos e ver o que é mais adequado ao momento. Também não seguem uma sequência pré determinada, pode ser necessário, por exemplo, que diante de uma situação o professor primeiro precise intervir contendo a ação da criança, para depois poder irrigar suas qualidades e conversar com ela sobre o que aconteceu, e assim, de diferentes formas, sempre adequando a situação, a criança e a relação que se estabelece nesse encontro.

E por fim, o terceiro aspecto, diz respeito às situações que eu como professora vou oferecer para as crianças para que elas próprias possam se relacionar com as

qualidades das cinco sabedorias. Isso trata do repertório de imagens, histórias, brincadeiras, canções que vou oferecer, que podem proporcionar a elas uma vivência inspirada em tais qualidades. Por exemplo, inspirada nas qualidades da sabedoria da generosidade, que está inscrita no plano anual no período do outono, vamos observar a generosidade da terra oferecendo as cítricas tão comuns nesta época. Na roda de história, podemos trabalhar o livro, a árvore generosa, trazendo também uma imagem de generosidade e oferecimento.

Desta forma, a prática, a partir das cinco sabedorias, me permite acessar estas qualidades ou valores como “inteligências” que estão disponíveis o tempo todo, a todos nós. Quanto mais o professor se prepara, menos ele exige dos seus alunos. Esta preparação diz respeito ao meu planejamento e também a apropriação destes conceitos como um método de trabalho, revelando-se em meios hábeis de intervenção. Também contempla uma dimensão a que nos conectamos, praticando a presença, e que a partir de uma postura interna alinhada com tais referenciais, os recursos se ampliam e as soluções e ideias se manifestam sem esforço.

2.3 Postura interna e conduta do educador

A criatividade e a liberdade do professor são elementos muito importantes nesta prática, pois aqui, contempla-se que ele ensina também a partir do coração, e oferece sua própria singularidade como meio hábil para educar as crianças. A partir de um exercício reflexivo diário das suas ações, ele pode então atentar-se para suas habilidades e dificuldades, tomando consciência de que suas ações manifestas tem um impacto direto nas crianças. Com criatividade e liberdade, pode então, na relação com as crianças, ampliá-las e qualificá-las.

Assim, reconhece-se o processo educativo também como um processo de aprendizagem para o próprio professor, como uma troca, na qual ele está permanentemente aberto para aprender com as crianças e não se vê como veículo unilateral de ensino.

Isso demanda uma disposição e abertura para um aprendizado constante e em um processo de autoeducação, que implica na decisão interna de aprofundar-se nos

meios de ampliar cada vez mais sua própria visão, compaixão e amorosidade, para que seja possível ensinar, através do próprio exemplo, seus alunos e todos com quem conviver. O professor tem então como desafio ensinar elementos profundos de compreensão da realidade através do seu próprio exemplo.

Decorre disso, a elaboração de um “conhecimento pessoal” como aponta NÓVOA (2009), que se desdobra na postura e conduta interna do educador e que se torna então parte dos elementos que compõe a sua ação docente.

Refiro-me à necessidade de elaborar um conhecimento pessoal (um autoconhecimento) no interior do conhecimento profissional e de captar (de capturar) o sentido de uma profissão que não cabe apenas numa matriz técnica ou científica. Toca-se aqui em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da identidade profissional docente (NÓVOA, 2009 p.39).

Inclui-se então, na ação educativa, a noção de que a postura interna do educador, sua visão e clareza sobre o processo cotidiano e também o que ele que expressa através do seu corpo, da sua fala e de seus pensamentos são elementos que as crianças percebem e que as afetam diretamente. A criança está aberta a perceber esses elementos sutis que manifestamos, que não estão diretamente visíveis e conscientemente sendo contemplados, mas estão influenciando a relação que estabelecemos com as crianças.

O trabalho de auto educação que o educador realiza, a sua preparação prévia para o trabalho, incluindo a sua prática diária de meditação, terão um impacto direto nas suas ações e na qualidade da sua presença diante das crianças.

Este aspecto também é apontado por NÓVOA (2009) quando ele afirma que

Ao longo dos últimos anos, temos dito (e repetido) que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor. Que é impossível separar as dimensões pessoais e profissionais. Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise (NÓVOA, 2009, p.38).

Este processo reflexivo permite que possamos ir desenvolvendo gradativamente uma postura e conduta interna que se aproxima da experiência proposta pela Pedagogia da Mandala, onde o educador procura então manifestar-se

no mundo apoiando-se em mandalas positivas, com as das cinco sabedorias. Essa mandalas positivas também podem ser compreendidos como cenários mentais de redes de significado que propiciam a tomada de certas condutas e decisões.

Para tanto, é preciso que o educador possa desenvolver um estado mental mais estável, que não oscile tanto diante das circunstâncias, que possa ser mais propositivo e não tanto responsivo. Isto é, menos reativo, menos preso aos condicionamentos viciados em experiências passadas e mais livre para ver as potencialidades do momento. É preciso que ultrapassa a responsividade, cultivando novas formas de agir diante das circunstâncias, inspiradas nas ações propostas pelas cinco sabedorias (acolher, irrigar as qualidades, discriminar, cortar a negatividade, transcender). E não apenas novas formas, mas formas atualizadas ao momento presente, ao que a realidade está requerendo naquele momento conforme a interpretação que se dá.

No budismo, o termo responsividade diz respeito ao

[...] processo automático de ação e reação, dentro do qual reagimos de forma muito rápida, quase sem perceber, a determinados estímulos externos. Diminuir a responsividade significa desenvolver gradualmente a capacidade de parar antes da reação, olhar melhor aquela situação e escolher com liberdade a reação adequada àquela situação. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.24)

No método da escola, a prática de meditação em silêncio, conforme orientada, no processo de formação continuada dos professores, tem entre outras funções, a de facilitar o desenvolvimento dessa capacidade de podermos parar diante do que acontece e escolhermos a melhor ação no contexto, e não simplesmente reagirmos automaticamente ao que acontece.

Usualmente, temos como recursos e repertórios internos nossas próprias vivências relacionadas à educação. Como fomos educados, nosso próprio processo de escolarização, os exemplos e condutas dos educadores que fizeram parte da nossa trajetória escolar e formativa, fazem parte de uma gama de exemplos e referências que são acessados de forma consciente ou não, e por isso, torna-se necessário o reconhecimento de tais elementos que fazem parte das nossas ações como educadores.

Considerando então, uma visão que contemple a dimensão humana e relacional do ensino (NÓVOA, 2009), tendo as dimensões pessoais entrelaçadas com as dimensões formativas e profissionais, tecendo uma trama indissociável de referenciais que constituem o professor.

Neste contexto, a dimensão de espiritualidade, como apontada no método da escola tem um papel crucial, no desenvolvimento de um processo contemplativo e investigativo por parte do professor, e seu impacto se estende não somente nas ações realizadas na escola, mas também de forma ampla na vida pessoal.

A experiência da espiritualidade nos convida a cuidar de todas as dimensões do nosso ser. Nós temos um corpo, temos sentimentos e emoções, pensamos e imaginamos [...] Uma vida espiritual se pauta pelo cuidado. Quando não o desenvolvemos espontaneamente, precisamos aprender o modo de praticá-lo em relação ao corpo, à energia das emoções e ao nosso pensar. Isso implica nutrirmos atenção cuidadosa em relação a aspectos simples e diversos de nossa vida, como alimentação, a saúde, a higiene, atividade física, o comportamento, a manifestação das emoções/sentimentos, a atividade mental saudável, as intenções e propósitos da vida. (POLICARPO JUNIOR, 2010, p.85)

3 NÃO TENHO UM CAMINHO NOVO O QUE TENHO DE NOVO É UM JEITO DE CAMINHAR

“A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. Por isso, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva.

(Jorge Larrosa)

3.1 Ação docente e capacidade de agir em qualquer contexto

A minha experiência na escola Caminho do Meio vem, ao longo dos últimos anos, transformando a minha maneira de ver o mundo e de me relacionar com a realidade que me circunda. Para poder oferecer para as crianças as qualidades e habilidades propostas pela Pedagogia da Mandala e a prática a partir das cinco sabedorias, eu precisei praticá-las na minha vida e sigo as praticando, pois é um processo infindável de transformação.

Ostetto (2010) descreve a necessidade de que o professor realize um processo de auto educação, que se disponha a empenhar-se com a

Necessidade de encantar-se para poder encantar; criar para poder seguir com as crianças a aventura da criação; ver beleza, viver a beleza para poder espalhar beleza; abrir-se à escuta e ao olhar do inusitado e misterioso, acolhendo múltiplos sentidos no mundo, para poder ser sensível e acolher diferentes significados e sentidos construídos pelas crianças no cotidiano educativo; ousar para poder encorajar (OSTETTO, 2010, p.45).

A autora traz estes elementos a partir do seu trabalho que tem como foco a formação estética do professor, mas acredito que isso trata também do processo de formação em geral. Ensinamos a partir do que somos, do que podemos realizar, e pelo exemplo que podemos dar. Como aponta FREIRE (2002, p.38) “de nada valem as palavras sem a corporeidade do exemplo”.

Seria preciso então, “fazer para si para poder fazer ou propor aos educandos” (OSTETTO,2010, p.45), ressaltando a importância e a necessidade do professor estar implicado num processo de auto educação.

Disso trata minha caminhada nos últimos anos: de um processo que é contínuo, que não se esgota, que é construído passo a passo. E que dele se revela na prática o que a proposta da escola sugere, que “ensinamos pelas costas” (pelo exemplo) e esse então se tornou um método efetivo para mim. Essa compreensão está agora presente e modela minha ação educativa.

Para agir no trabalho cotidiano, há também outros aspectos sutis que fazem parte do método da escola e que hoje estão presentes na minha forma de atuar como educadora. Estes aspectos foram sendo contemplados por mim no percursos dos

últimos anos e na medida em que meu entendimento sobre eles foram se ampliando, assim também a minha capacidade de acessá-los como uma forma de compreender a realidade e de apoiar as minhas ações. Influenciando o modo como a minha ação docente se constitui.

Tratam da forma como vamos perceber as crianças e as situações que se apresentam, é a posição do olhar que se situa a partir destes referenciais para o entendimento da realidade, e se aplicam em diferentes contextos.

Estes aspectos se traduzem primeiro, na capacidade de olhar a natureza de cada um, como uma qualidade livre e criativa. Esta condição está disponível a todos, sem exceção, e permite que o professor possa olhar as manifestações das crianças, dos colegas e também a si mesmo, sem se fixar a elas, sempre lembrando que temos a liberdade de nos manifestarmos de diferentes formas. Por exemplo, ao agir, uma criança não é raivosa, ela *está* com raiva. E lembrar que neste momento ela se manifestou desta forma, mas que ela pode se manifestar de outras formas também.

Segundo, na capacidade de reconhecermos de algum modo, o lugar sutil a partir do qual as crianças estão agindo. Sendo necessário a percepção da coemergência entre a atitude e a energia que a criança manifesta e a paisagem mental na qual ela está inserida naquele momento. Isso nos permite percebê-la não como algo estático e definido, mas influenciada por referenciais mais amplos que direcionam sua forma de se manifestar.

E em terceiro, se revelam na capacidade de podermos reconhecer as paisagens coletivas que estão operando na turma e as causas e condições que estão implicadas – e gerar novas paisagens, novas causas e condições para possibilitar nascimentos positivos (como um ressurgimento de novas possibilidades de ser) a cada uma das crianças nas diversas situações. Esse é um trabalho crucial e constante do professor.

A noção de paisagem toma aqui uma dimensão educativa, e seu reconhecimento oferece ao professor a possibilidade de criar paisagens positivas que convidem as crianças a se manifestar de modo positivo também. Principalmente com as crianças pequenas, que é a faixa etária com a qual eu trabalho e fica evidente o quanto podemos conduzi-las a partir disso.

Quando educamos as crianças, estamos sempre fazendo isso dentro de alguma paisagem – quer dizer, dentro de alguma cultura ou mentalidade. Se somos capazes de olhar assim o processo educativo, podemos perceber que de fato a paisagem é uma instância pedagógica muito poderosa, em qualquer escola, mesmo aquelas que não têm essa descrição. A paisagem condiciona a postura de mente, energia e corpo do professor, e molda o aprendizado direto da criança. Essencialmente, educar é inserir a criança em uma paisagem, e é isso que o professor e a escola como instituição estão fazendo, consciente e deliberadamente ou não. (SAMTEN apud ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.12)

Mesmo partindo de uma possibilidade livre, a criança, assim como todos nós, tem suas ações influenciadas por paisagens específicas. A paisagem, como já visto, é o conjunto de causas e condições dentro da qual a criança está inserida.

A paisagem é um conceito sutil e sofisticado, mas extremamente importante para a prática educacional. Nas ciências sociais em geral e na psicologia, escutamos falar do “repertório” de alguém, seu conjunto de experiências sociais, culturais, relacionais, que ajudam a moldar sua personalidade. Podemos falar também de “bagagem cultural”, “conjunto de crenças, valores e visões de mundo”. Todos esses termos correspondem a uma espécie de “nuvem” de conhecimentos e experiências por dentro da qual alguém pensa e organiza sua vida – a partir daqueles valores, conhecimentos e experiências. Essa noção no budismo vai ter o nome de **paisagem**, que é como essa “nuvem” de referenciais por dentro da qual a mente de alguém opera. (ESCOLA CAMINHO DO MEIO, 2012, p.13)

O reconhecimento da noção de paisagem dá ao professor a possibilidade de perceber que as expressões, atitudes e sentimentos que a criança manifesta surgem, não de forma independente, mas sempre em relação com outros referenciais. Contemplando assim, o professor pode ver a si mesmo, e o ambiente da escola, como mais um elemento que vai atuar dentro dessa mesma causalidade e coemergência. Compreendendo este processo, ele pode então conduzir a energia da criança apoiando-se nisso. Essa é a base da capacidade de ajudar o outro a mudar de paisagem, que também está incluída no método da escola. Mudar de paisagem significa mover a energia da pessoa em direção a uma paisagem positiva ou mandala.

Estes elementos qualificam minha ação docente e ampliam a minha forma de acompanhar as crianças. Primeiro eu pude contemplar tais aspectos e reconhecê-los atuando na relação que estabeleço com as crianças, mais adiante na medida em que minha compreensão se ampliou, passei então a utilizá-los nas minhas intervenções.

O processo meditativo e contemplativo também tem um impacto na apropriação de tais elementos como afirmam outros autores não budistas como Policarpo Junior.

O desenvolvimento espiritual consiste também em observar momento a momento, com grande atenção e sutileza, o modo como nos relacionamos com as situações, como vemos e sentimos as coisas. Mas, além disso, um senso apropriado e profundo da espiritualidade também se caracteriza por perceber a nossa natureza ampla, como um espaço infinito de possibilidades e completamente aberto para expressar quaisquer pensamentos, sentimentos, comportamentos, e para surgir de modo livre em relação a todos os fenômenos com os quais nos relacionamos. (POLICARPO JUNIOR, 2010, p.100).

Assim, eu fui desenvolvendo a habilidade de me manifestar apoiada nestes referenciais, de forma criativa e ampla. Realizando um processo contínuo de reflexão sobre as minhas ações, sem cobranças ou julgamento.

Tornando assim essencial para o meu trabalho a necessidade de contemplar a noção de inseparabilidade do mundo interno e do mundo externo. E de realizar o exercício constante de reflexão sobre o fato de que como eu estou, as minhas ações de fala, corpo e pensamentos, estão sendo expressos e afetam as crianças e as minhas relações em geral. E ainda, se revelam como conteúdo com o qual as crianças vão se relacionar, e também elas construirão o seu repertório interno de recursos e possibilidades de se manifestar.

Penso que todos nós temos a possibilidade de escolher a forma como posicionamos nossa mente e como vamos nos manifestar. Acessar mandalas de sabedoria não é algo pessoal, nem é exclusividade do Budismo, ou daqueles que meditam, a meditação pode ampliar a capacidade de fazer isso, mas isso é algo que está disponível a todos.

A habilidade de ação positiva no mundo surge da forma como uma pessoa interage com os outros e vice-versa. Por isso, o processo da mandala é crucial: a mandala é esse processo sutil, que podemos experimentar em nossas vidas como essa posição de mente através da qual podemos nos mover nas diferentes circunstâncias de maneira positiva. E esse movimento

livre e naturalmente positivo é a fonte daquilo que estamos chamando de felicidade. (SAMTEN,20, p.)

Entendo que este método não se propõe a institucionalizar o professor, não é algo a se adaptar, necessita de uma transformação interna. Ele vai possibilitar que qualidades inerentes às visões amplas possam se manifestar, e quando manifestas, isso é então a paisagem que educa. O método transforma o professor, sua vida, as suas relações pessoais, ele se revela não só quando o professor está diante das crianças. Não se trata de treinar uma habilidade, mas da transformação do modo de olhar as coisas. E essa transformação é o que afeta e enriquece o seu trabalho.

3.2 Experiência do estágio curricular do curso de Pedagogia – diálogo com outras práticas

No sétimo semestre do curso de Pedagogia, realizei meu estágio obrigatório na Escola Municipal de Educação Infantil Protásio Alves, numa turma do berçário I, composta por 10 bebês com idades entre 5 meses e um ano e meio. A turma era acompanhada por três educadoras, uma professora titular, uma monitora e uma estagiária. Durante o período de realização do estágio, no turno da manhã eu realizava a prática nesta instituição e à tarde eu acompanhava uma turma de jardim na escola Caminho do Meio.

Esta experiência de estágio durante a formação em Pedagogia, foi um momento bastante revelador para minha prática como educadora. Uma vez que inserida em um outro contexto, que não aquele que aparentemente teria as causas e condições adequadas para que o exercício das habilidades e modos de ser como educadora propostos pela Pedagogia da Mandala pudessem se manifestar, eu pude me deparar com a prática pedagógica proposta pela escola que me acolheu e enriquece-la com as qualidades que para mim eram essenciais e que eu até então, não havia conscientemente me atentado para a sua realização em mim.

Este deslocamento, tanto do olhar quanto da prática, me fez perceber que a apropriação do método da escola, não propõe um procedimento “alternativo” ou diferenciado que define um determinado modelo a seguir, um determinado modo de

agir. Mas sim, há o desenvolvimento da capacidade de poder transitar em diferentes contextos, em se deparar com diferentes situações e diante delas, ter como recursos disponíveis os meios hábeis desenvolvidos na prática a partir das cinco sabedorias. Quando a posição interna que eu sustentar estiver sendo apoiada a partir de um referencial positivo, como o proposto pela mandala das cinco sabedorias, as minhas ações podem trazer benefício aonde quer que eu esteja.

Isso ficou bem claro para mim na minha prática de estágio. Muitas foram as aprendizagens realizadas neste período. Das que tratam diretamente da relação que estabeleço com as aprendizagens referidas ao método da mandala, destaco um recorte do estágio para ilustra-las:

A turma do Berçário I é acompanhada por três educadoras. Cada uma delas tem um cargo e funções diferentes na escola, assim também contratos que as regularizam na instituição. Estes dados, não dizem respeito somente as suas condições de vínculo empregatício, mas também modulam suas ações e atitudes com o grupo. Eu sou mais um elemento nesta trama, e por se tratar de um estágio curricular, também está atrelado a percepções e condições. “Vocês vem aqui, fazem o querem e depois vão embora. Nós é que ficamos depois com as crianças” escutei logo no início do estágio. A tensão entre as educadoras, quanto a quem faz o que na sala foi um elemento desafiador para mim. Estávamos todas diante de 10 bebês, não de coisas que podemos delegar quem se ocupa, se há uma demanda como não intervir? Como não agir e acolher a demanda dos bebês? Como posso me inserir neste contexto? Como posso agir de forma a trazer benefício para o grupo? (RELATORIO DE ESTAGIO, 2015, p. 20).

Minha experiência de estágio, em função da especificidade da turma que escolhi acompanhar, me trouxe o desafio de me relacionar com mais três educadoras. Éramos então quatro adultas numa sala pequena acompanhando 10 bebês. Para além do foco na prática direta com os bebês, e por considerar isso muito importante no acompanhamento dos mesmos, este foi um dos elementos de trabalho do meu estágio, as relações entre os adultos cuidadores.

Meu objetivo foi de trazer uma reflexão sobre o impacto das ações do educador nas crianças, e um olhar para o fato de que as educadoras estavam o tempo todo educando, e não somente quando realizavam suas ações específicas. O ambiente da sala estava sendo modulado pela atmosfera das relações entre os adultos. Os bebês reagiam diretamente a isso.

Pude então enriquecer minha prática e minhas intervenções a partir do olhar proposto pelas cinco sabedorias, acolhendo as manifestações das educadoras, compreendendo os fatores que as levam a agir de tal maneira, irrigando suas qualidades, focando os aspectos positivos, oferecendo um fio para nossas ações, apontando a causalidade das coisas, e procurando manter a alegria e a ludicidade.

Praticando a atitude de estar no momento presente, aberta ao que estava acontecendo, os recursos e “soluções” possíveis se ampliam. Sem um julgamento prévio, sem avaliar as manifestações como boas ou ruins, sem tomar as observações a respeito do estágio como pessoais, fui dia a dia investindo na minha relação com as educadoras e por consequência na relação do grupo em geral.

Nas relações que cada professor estabelece com o mundo, com os outros, consigo próprio e com a profissão vão-se constituindo guias para a ação, assim, a docência depende da personalidade do professor e das formas como pensa a si mesmo e ao seu trabalho. As ideias representativas do mundo, criadas no processo de atuação humana, se tornam mediadoras nas relações estabelecidas entre os homens e destes com o próprio mundo, portanto, a significação pessoal inevitavelmente é uma das mediações da docência (ALVES, 2006, p.15).

Se de fato, a escola ou o método propusesse uma forma única de atuação, ou aquela que em qualquer situação pudesse ser efetiva, nós não estaríamos falando em transformação. O conteúdo da minha subjetividade, as aprendizagens que eu realizei durante minha formação na UFRGS, o repertório de meios hábeis que eu desenvolvi ao longo destes anos de formação continuada da escola, e que me possibilitam uma estrutura interna de possibilidades, foram sendo tecidos e elaborados na minha caminhada nos últimos anos, e constituem uma teia que faz de mim a educadora que eu sou.

Por isso, as aprendizagens realizadas na experiência de trabalho na escola Caminho do Meio, não tratam de um conformismo ou de adequação a um determinado método, mas de um processo de construção pessoal que se desdobra na forma como eu realizo minhas ações como educadora. Vista desta forma,

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre

as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1992, p.13)

Foi a visão que eu transformei. O modo pelo qual eu posso olhar as coisas, percebe-las, reconhece-las, mas não me fixar. Pois elas estão atreladas a um referencial que as legitima e que as apresenta como de fato a realidade em si. Mas elas são visões estreitas que não contemplam a multiplicidade de modos de ver o mundo, e ainda sim, elas são corretas e verdadeiras, no sentido que apreendem a visão a partir de um recorte específico e dentro do qual todas as coisas fazem sentido.

Foram minhas ações que eu qualifiquei, enriquecendo meu repertório interno de ações e possibilidades de intervenção. Cultivando qualidades como o acolhimento, a generosidade, a discriminação das coisas, compreendendo a causalidade, lembrando da liberdade natural que temos diante das coisas.

Ainda que o caminho se apresente como o mesmo, ainda que a escola não transforme sua aparência, minhas ações se aplicam em qualquer contexto, uma vez que eu estou atenta para que elas possam se apoiar em referenciais mais abrangentes e positivos.

Foi então, meu jeito de caminhar que se transformou. Não esqueço de contemplar que ele também está condicionado ao caminho que meus pés percorrem. Mas acima da minha cabeça está o céu, um espaço amplo, com suas infinitas possibilidades. E é neste espaço sutil de possibilidades que procuro me ancorar e seguir adiante. E esse não é senão um grande desafio? O de nos movimentarmos nos diferentes contextos, compreendendo suas relações e como educadores podermos acolher e acompanharmos nossos alunos na aventura do conhecimento? Podendo encontrar cada um onde está, reconhecendo a natureza livre de cada um e a partir das suas possibilidades ajudarmos a que caminhem por si? Que possam trilhar também eles seus caminhos com uma visão ampla, com capacidade de escolha e de entendimento do que se apresenta diante deles?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, como já referido, tive o objetivo de analisar como a minha inserção e prática na Escola Caminho do Meio contribuíram para a minha formação docente e quais as possíveis implicações dessa experiência para a formação de professores que ocorre em variados contextos e não apenas na formalidade da academia. Para isso foi necessário construir um caminho teórico que apresentou a questão da espiritualidade na educação, já tencionada na sua relação com a experiência na escola, os principais conceitos que embasam a Pedagogia da Mandala, e o aporte de teóricos que contribuíram para que eu pudesse embasar minhas reflexões e avançar nos meus questionamentos.

Em paralelo a este caminho teórico, para dar conta desta resposta, realizei a escrita de um pequeno memorial, retomando a minha trajetória na escola, revivendo a minha relação e apropriação do método. Esta foi uma conversa que me propus do início ao fim, um diálogo entre a Pedagogia da Mandala, a prática das cinco sabedorias e minha ação docente inspirada em tais referenciais. Tudo isso inspirada pela visão de que a formação docente só ocorre na prática e na reflexão sobre a prática.

Tendo em vista este caminho que percorri, e que ele em si mesmo tornou-se a possibilidade de apreender o meu processo de formação e transformação, percebo que problematizar a questão da minha formação relacionada a uma prática educativa com inspiração nos valores e filosofia budista, trouxe elementos elucidativos para a compreensão da influência do cultivo da espiritualidade na formação do educador.

Assim, para além da minha própria experiência, reflito também sobre as possíveis implicações do método da escola para a educação atual e a formação dos professores, principalmente na etapa da educação na qual me inscrevo, que é a educação infantil. Tendo em vista que as crianças tem o ingresso obrigatório na escola aos quatro anos, mas que sabemos também que na realidade contemporânea, muitas são as que iniciam sua trajetória escolar já com poucos meses de vida.

Aprendemos em relação uns com os outros, nos transformamos no encontro. Essencialmente as crianças pequenas, estão vivenciando um período da vida em que necessitam estar em constante relação com os adultos, e nesta relação estão se

constituindo e construindo os saberes necessários para a vida. O professor é uma destas referências, tão importantes nesta fase da vida.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. (MATURANA 1998. p. 29)

Para além dos conteúdos formais da escola, vejo a educação também como um espaço possível para que se apresentem caminhos para o desenvolvimento de sensibilidades, competências e habilidades que nos ajudem a viver melhor, a nos relacionarmos de forma mais positiva com uns com os outros, a termos mais autonomia diante das circunstâncias que nos acontecem, percebendo como surgem nossas emoções e os impulsos que nos movimentam nas nossas ações.

E essa visão inclui portanto, no processo de aprendizagem, a noção de espiritualidade, essa dimensão da vida humana que acabou sendo apartada pelo desenvolvimento da visão tecnicista, sendo posta de lado, como se não se tratasse também de um tema da escola. Esta noção de espiritualidade dá ao professor a abertura para a compreensão de que “o que está fora, está dentro”, que aquilo que se manifesta externamente é reflexo do conteúdo que temos internamente e esta pode ser uma chave para o desenvolvimento e transformação do seu trabalho. Do mesmo modo que esta percepção pode também se estender para a compreensão das manifestações das crianças.

No trabalho com as crianças na educação infantil, pude perceber que o apelo discursivo tem pouca efetividade. As crianças são magnetizadas pelo exemplo, por aquilo que estamos realizando com nosso corpo, fala e gestos movidos pelos pensamentos. Quanto mais coerentes estas dimensões estiverem, mais efetiva será então a atuação do professor com as crianças. Tomar consciência disso qualifica e amplia os recursos que tenho disponível na minha prática, e me encoraja a tomar consciência dos meus conteúdos internos, e a considerá-los como parte da minha ação docente.

Assim, contemplamos que além do cuidado com o mundo “externo”, que já é um trabalho do professor, é preciso lembrar que a criança percebe facilmente o mundo

“interno” do adulto, quanto menor a criança, maior a abertura dos seus sentidos para o mundo. A sua relação com as coisas e experiências ao seu redor, está sendo moldada pelas relações que ela estabelece e que estão sendo mediadas pelo adulto cuidador. Esta etapa da vida exige um adulto cuidador que a acompanhe, que esteja presente, e consciente de que ele oferece para a criança também a sua postura interior bem como a presença atenta, como um elemento no processo de educação.

Sabemos que ela imita tudo que está em volta, inclusive a postura interior do adulto. Por isso, acredito que o trabalho interno que o professor realiza é de suma importância. Através dele, pode-se compreender que diante dos inúmeros recursos didáticos pedagógicos que temos disponíveis, inclui-se a postura e conduta interna do professor, e sua visão das coisas, o seu olhar que por traz de tudo, que vai conduzir e ofertar uma visão de mundo e o sentido que as coisas podem tomar.

Portanto, como professora eu estou em constante mudança de paisagem interna, para conseguir florescer este mundo externo de forma consciente e oferecê-lo para as crianças, que neste momento, tem muito mais conhecimento do mundo externo do que do interno. Minha ação hoje, após ter passado por toda a experiência aqui apresentada é a de tentar estar constantemente criando coisas boas no mundo externo para que isso reflita no mundo interno das crianças e ampliando e qualificando meu repertório interno para oferecê-lo também as crianças. Justamente por ter me colocado em processo de olhar para o meu mundo interno e fazer estas transformações que eu pude me habilitar para isso ser um recurso pedagógico meu.

Para além das aprendizagens relacionadas à prática docente, hoje carrego comigo, orientando minhas ações na minha vida cotidiana, os preceitos budistas. Assim como para o ingresso, tanto de professores quanto de alunos, não é necessário ser budista, também não o é para seguir trabalhando na escola. É preciso ter abertura para trabalhar e orientar suas ações pedagógicas a partir de tais referenciais. Tenho colegas de trabalho que apropriaram-se dos referenciais da Pedagogia da Mandala, atuam a partir de tais orientações, mas não são praticantes budistas. No meu caso, essa experiência estendeu-se e abarcou a minha vida de forma ampla. Dessa forma, a Pedagogia da Mandala é uma contribuição do budismo para a educação que pode ser aplicada em vários contextos de forma laica e assim fornecer um método profundo de formação do professor, dos alunos e da comunidade para um mundo mais consciente e pleno.

Após a escrita deste trabalho, desejo que meus passos, diante das crianças que me acolhem dia a dia na escola, diante dos educadores que desafiados e instigados pela vontade de trilhar caminhos possíveis e benéficos, enfrentam os desafios da docência, diante das famílias e da comunidade que me cerca, possam servir de inspiração e de convite para caminharmos juntos na construção de vias possíveis de realização e felicidade para todos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nancy Nonato de Lima. **Amor à profissão, dedicação e o resto se aprende: significados da docência em Educação Infantil na ambiguidade entre a vocação e a profissionalização.** Reunião Anual da Anped, v. 29, p. 1-17, 2006. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/qt07-2570.pdf>

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

ESCOLA CAMINHO DO MEIO, **Contribuições a um Referencial Pedagógico e Curricular.** Viamão, 2012.

ESCOLA CAMINHO DO MEIO, **Projeto Político Pedagógico,** Viamão, 2015. Disponível em: <https://escolacaminhodomeio.com.br/>

ESCOLARIZANDO O MUNDO, Carol Black, Estados Unidos: 2010. 66 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs&feature=youtu.be
Acesso em: junho de 2016.

FRÉDÉRIC, G. **Caminhar: Uma Filosofia.** São Paulo: É editora, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

KLEIN, T. **Relatório de estágio curricular do curso de pedagogia.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. 62p.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** **Revista Brasileira de Educação,** n 19 Jan/Fev/Mar/Abr. 2002, p.20-28.

_____. **Pedagogia Profana: Danças Piruetas e Mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** Campinas, SP. Editorial Psy II, 1995.

NÓVOA, A (org.) **Formação de professores e profissão docente.** Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em:

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf

_____. **Concepções e práticas da formação contínua de professores:** In: Nóvoa A. (org.). **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas.** Portugal: Universidade de Aveiro, 1991.

_____. **O professor pesquisador e reflexivo.** Entrevista concedida em 13 set. 2001. Disponível em:

<http://tvescola.mec.gov.br/tve/serie/salto/entrevista/antonio-novoa>. Acesso em: jun. 2016.

_____. **Professores Imagens do Futuro Presente.** Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, A; FINGER, M.(org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

OSTETTO, Luciana. **Danças Circulares na Educação: Tocar o Ser na Poesia.** 2010. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4412--Int.pdf> Último acesso: junho 2016.

PASSEGGI, M. C. **Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re) conhecimento.** In: Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura. VERBENA, M. R.C. & SOUZA, E. C. (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2010 (p. 19 - 42). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19048/1/Memoriais,%20literatura.pdf>

POLICARPO JUNIOR, José. **Sobre espiritualidade e educação.** In: Diálogos em educação e espiritualidade. RÖHR, F.(org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SAMTEN, Padma. **Mandala do Lótus**. São Paulo, Peirópolis, 2006.

_____. **Diálogos em Educação**, Recife, 2010. Ciclo de debates transcritos por Diego Melo (Recife, 2012), editado em apostila por Carolina Senna (Viamão, 2012).

_____. **O que levamos da nova inteligência?** Palestra proferida no Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aoJNrsPnzzk>
Acesso em maio 2016.

SANTOS, Fabiane Rocha dos. **As cinco sabedorias no contexto da Escola Caminho do Meio**. Viamão, 2011.

SOUZA, C. **(Auto)biografia, Identidades e Alteridade: Modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação**. In: Revista Fórum Identidades.vol.4, p.37-50 jul/dez. Sergipe, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editor Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1968.